

「dossiê: escrita e pandemia」

Joca
Reiners
Terron」

Não quero pensar nisso agora

Sonhei que recebia um email vazio a não ser pelo arquivo anexo, um estranho documento que informava ganhos mensais de todas as pessoas que conheço. Talvez se tratasse de engano do escritório de contabilidade que me atende, mas que contador teria acesso aos ganhos de todos os meus conhecidos? No sonho, aterrado pelas informações contidas no documento, entendi que o remetente era o escritório que atendia a Deus, Destinatário Final das Contas Finais. Todas as pessoas relacionadas, sem exceção, ganhavam mais do que eu. Dia setenta do isolamento. Estou com pouco trabalho, deve ser isso.

Ontem um homem se ajoelhou na calçada em frente ao prédio e começou a chorar. Moro no sétimo andar de um prédio no centro da cidade conflagrado, tenho intimidade com mendigos. Mas nunca vi nada semelhante. Da janela deu para perceber que o homem — um dos tantos moradores de rua que vivem pelo bairro — estendia os braços para cima, talvez endereçando seus lamentos a Deus, implorando por alguma coisa que eu não entendia, pois não conseguia ouvi-lo de onde estava. Pareceu que endereçava seus gritos aos moradores do prédio, e particularmente a mim.

Ao despertar, a sensação incômoda de infinita repetição dos dias é mais aguda, creio que por acontecer sempre no mesmo lugar, do mesmo lado da cama, sob o idêntico teto da manhã anterior; tanto que seria estranho, — e é algo explorado com frequência em livros e filmes — isso acontecer em lugares desconhecidos, o que só soaria um pouco menos aterrorizante do que despertar metamorfoseado em inseto.

Faço café, uma cafeteira média, outra pequena (temos uma terceira, mas é grande demais para nossa garrafa térmica); a primeira xícara de café é o melhor momento do dia (porém odeio limpar as cafeteiras italianas, jogar a borra do café na pia e ficar mexendo a colher no ralo até o pó desaparecer, levado pela água), talvez o único momento realmente bom, pois sempre existirá o risco de ocorrer uma revelação do futuro: inepta, ocorrida ao acaso; visto de relance na borra do café um segundo antes de ser levado pela água, nosso futuro feliz indo pelo ralo.

Normalmente vou ao banheiro depois de comer algo, é um ato reflexivo (ou é *ato reflexo?*, às vezes confundo; de fato é ambas as coisas, pois sempre o aproveito para ler), bastante pontual (costumava acontecer de manhã; com o isolamento, embora minha rotina permaneça quase inalterada, passou a acontecer de noite, antes de dormir ou de madrugada, a urgência do corpo como interrupção dos sonhos); o mundo virou de cabeça para baixo e minha fisiologia também.

Hoje morreu o ator Flávio Migliaccio, que encarnou um dos heróis de minha infância, na série televisiva *Shazan, Xerife & Cia.* Suicidou-se aos oitenta e cinco anos, e deixou um bilhete de despedida no qual dizia “a humanidade não deu certo; cuidem das crianças.”

Sou o cozinheiro da casa, mas hoje o almoço já está pronto (será igual ao de ontem e ao de anteontem, na verdade o mesmo cozido feito para repetir e render). Enquanto requentava a comida, lembrei de uma vez em que meus pais decidiram viajar no meio da noite, sem nos avisar; éramos crianças, meus irmãos e eu, e despertamos numa casa diferente

daquela onde tínhamos adormecido. São costumeiros para as crianças, esses cataclismas cotidianos que arruinam a ordem dos dias.

Depois de continuar a apanhar do aplicativo do banco (não consegui instalá-lo desde o início do isolamento, o que me possibilitou escapar até a agência do Banco do Brasil na Avenida Angélica umas três vezes), passo a tarde lendo (Krasznahorkai, Walser, material para a oficina de romance); um passeio ao banco nunca se pareceu tanto com a liberdade, ao menos até conferir o extrato bancário em números vermelhos.

Aula online da oficina de romance das 19h30 até 22h; essas aulas, assim como a oficina de escrita da segunda-feira, têm sido exaustivas; a dinâmica é diferente, e sou muito mais exigido como professor (depois da ligeira excitação que sinto ao terminar a aula, o cansaço me derrota, e coloco meu cérebro para ser ninado pela televisão).

Despertei com a impressão de não ter dormido. No entanto, dormi, até que bem, se comparado com outras noites. Nas primeiras vinte noites do isolamento dormi como uma pedra, ou como uma planta, mais precisamente como um cacto. Estou mais habituado a dormir como uma geladeira com defeito, que começa sem aviso a vibrar e a sacudir, a bufar e a soltar fumaça preta. Mas hoje dormi bem, apesar da impressão de não ter dormido. Não lembro de ter sonhado.

Pela terceira noite seguida o mendigo apareceu e gritou por meia hora na calçada em frente ao nosso prédio. Hoje uma vizinha se dignou a descer e a lhe oferecer comida, que recusou. Alegou que estava doente e precisava de dinheiro. A mesma vizinha chamou então o SAMU; quando a ambulância chegou, o mendigo tinha desaparecido.

Ontem fui à agência bancária: ainda a novela do aplicativo. O dia parecia não ter amanhecido ainda, fazia frio na rua, onde permaneci vinte minutos na fila do banco. Foi o primeiro dia de uso obrigatório da máscara e observei os mascarados, cada máscara caseira mais espalhafatosa

que a anterior. A do senhor na minha frente era amarrada por tiras de tecido tão exageradamente grandes que ele parecia estar usando um laço na cabeça, ou um turbante. Ninguém respeitava a distância obrigatória, e uma dona retirava a máscara para tossir. Ao olhar as nuvens cinzentas, a nova realidade cinzenta, meus olhos se encheram de lágrimas, que ninguém viu, pois meus óculos estavam embaçados por causa da máscara.

Na volta, parei no supermercado. Pensei em comprar um quilo de arroz para o mendigo da porta, que é um cara antipático (conheço todos os mendigos do bairro, este em particular reconheci porque é antipático, mas também porque não usava máscara — se a usasse, como o reconheceria? Talvez a antipatia não precise de máscara) e, ao colocar o saco de arroz na cesta, pensei: quando eu sair, ele não vai estar mais lá, e não precisamos de arroz em casa. Devolvi o saco de arroz à prateleira. Quando saí, o mendigo não estava mais lá.

Hoje, quinta-feira, não dei aula. Dar aulas é uma alegria, apenas superada pela alegria de não dar aulas (nem a de fazer nada, que é imbatível). Para o almoço fiz costelinhas de porco assadas, farofa de ovos, quiabo grelhado e batatas ao forno.

Página 132 da transcrição do novo romance, estou me sentindo László Krasznahorkai. Pedi a Isabel que sentasse na poltrona do escritório e li para ela o início do capítulo 4, que tem cerca de oito páginas. Foi o ritmo dessas páginas que me fez sentir ser um Krasznahorkai: gostei dele, está do jeito que eu pretendia. Comentário de Isabel após a leitura: “intenso”. E só. Um dia me acostumarei com tanta prolixidade, afinal só estamos casados há dezesseis anos.

Hoje ela fez um pão espetacular, que não poderia ser melhorado por nenhum filtro do Instagram. Preparei canja de galinha com alho-poró para o jantar. Deve ser suficiente para as próximas três noites.

Como trepa o Freud da série *Freud*. Só no episódio de hoje ele comeu a vidente maluquinha de personalidade tripla, a irmã e a mãe. Todas, in-

cluindo a empregada doméstica heptagenária, amam Freud incondicionalmente. Mas com a empregada ele ainda não trepou. Três páginas de *Guerra e guerra* do Krasznahorkai antes de dormir. Não estou entendendo quase nada, então deve ser bom.

Aniversário de minha mãe, 75 anos. Nasceu no dia da vitória dos Aliados na Europa, que por sua vez também foi a data da derrota alemã (o avô dela era alemão). Isso talvez tenha marcado seu senso de humor, meio mórbido. Fomos apresentados um ao outro há 52 anos. “Tempo, tempo, falta um tanto ainda, eu sei.” Na conversa, ela me contou a seguinte história: havia um piloto de avião chamado Joaquim que visitava a fazenda do meu avô, onde ela nasceu e viveu até se casar. Vinha do norte, creio que do Pará, comprar gado. Ela e as irmãs paqueravam o Joaquim. Um dia, o avião dele não chegou. Tinha caído. Levaram cinco dias até localizar o corpo, que foi sepultado na fazenda. No enterro, segundo ela, parecia que o caixão ia explodir. Vermes, que faziam uma senhora barulheira dentro do caixão. Parecia pipoca estourando, disse minha mãe.

Ela também me contou que recebeu por WhatsApp a fotografia do ator Flávio Migliaccio enforcado. Eu a censurei por ver isso, e também por me levar para viajar no meio da noite quando era criança sem qualquer aviso, fazendo com que eu despertasse em lugares desconhecidos. É preciso cuidar das crianças.

No sábado conversei durante cinco horas com amigos pelo Zoom. Enchemos a cara, rimos e choramos. Isabel foi dormir mais cedo. Não gosto desses encontros coletivos online, mas não sei explicar por que (acho que sei, tem a ver com a morte, com o fato de parecermos todos igualmente mortos nas telas dos computadores e celulares, à meia-luz e bidimensionais como são os retratos de defuntos nas lápides dos cemitérios); não quero pensar nisso agora.

Depois, sem sono, assisti *Never rarely sometimes always*, de Eliza Hittman no computador, a juventude como campo assolado pelo inominável, o sofrimento daquelas que não têm voz, das caixas de supermer-

cado, as mulheres. Fui me deitar com uma sensação que ando tendo com frequência crescente, a vergonha de ser homem.

O mendigo passou a chorar e a gritar todas as noites na calçada diante do prédio. Hoje se deitou no meio da rua, atrapalhando o tráfego. O dono de um automóvel chamou a polícia, que o tirou da rua. Depois de conversarem por alguns minutos com o mendigo, que continuou a chorar, os policiais foram embora. Deixaram o mendigo, que continuou a chorar e chorou e continuou a chorar. Adormeci. Nessa noite sonhei que era o mendigo na calçada, que continuava a chorar e a estender os braços para o alto, para mim, que continuava na janela do sétimo andar e também chorava, estendendo os braços para o mendigo lá embaixo, que era eu; da calçada lá embaixo eu pedia a mim mesmo, aqui no alto, algo que não conseguia ouvir, e portanto não podia me ajudar, ajudar a nós, ajudar a ninguém.

Despertei, e estávamos todos no mesmo lugar.

São Paulo, 20 de maio de 2020

Joca Reiners Terron fundou a editora Ciência do Acidente, na qual publicou seu primeiro livro de poemas, *Eletroencefalodrama* (1998). A editora também lançou seu romance de estreia, *Não Há Nada Lá* (2001, reeditado pela Companhia das Letras em 2011), e seu segundo livro de poemas, *Animal Anônimo* (2002). Terron publicou os livros de relatos *Hotel Hell* (Livros do Mal, 2003), *Curva de Rio Sujo* (Planeta, 2003), e *Sonho Interrompido por Guilhotina* (Casa da Palavra, 2006), além de *Guia de Ruas sem Saída*, novela gráfica ilustrada por André Ducci (Edith, 2012). Em 2010, recebeu o Prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional de melhor romance por *Do Fundo do Poço se Vê a Lua* (Companhia das Letras, 2010). Seus últimos romances são *A Tristeza Extraordinária do Leopardo-das-Neves* (Companhia das Letras, 2013), *Noite Dentro da Noite* (Companhia das Letras, 2017) e *A Morte e o Meteoro* (Todavia, 2019). Seus livros e textos foram traduzidos ao inglês, alemão, francês, espanhol, italiano e árabe.